

## TEATRO DE LEMBRANÇAS

**Beatriz Pinto Venâncio**

*Resumo: Este artigo procura refletir um momento específico de um grupo de teatro formado por mulheres idosas. A linguagem teatral, especificamente a técnica do teatro-imagem, criada por Augusto Boal, é utilizada como um recurso na compreensão das subjetividades das idosas, a partir da encenação de suas lembranças. Imagens de família são criadas, desvelando fragmentos do universo vivido por este grupo.*

*Palavras-chave: Memória; Velhice; Teatro*

Este artigo procura refletir um momento específico do grupo teatral “A cena é nossa.”<sup>1</sup> O grupo, constituído de mulheres idosas, não vislumbra o teatro profissional. Utilizamos a linguagem teatral como um recurso na compreensão das subjetividades das idosas, a partir da encenação de suas lembranças.

Como uma catadora de imagens, venho recolhendo as lembranças destas velhas mulheres. Embaralhando fatos, desatando fios, nos embrenhamos no registro destas memórias, cujos caracteres individual e coletivo estão permanentemente conjugados. A investigação compreende o processo de criação coletiva, a representação teatral e os fios de memórias que vão sendo tecidos, até que formem uma rede flexível e maleável, ganhando novos contornos em cada ensaio.

A contínua recomposição dos relatos de reminiscências em discursos narrativos, diálogos, ou monólogos de muitas vozes, vai aos poucos, originando novas imagens. Isto porque a reconstrução

de uma temporalidade padece com questões delicadas, tais como

ambiências, socialidades, formas de pensar, valores, racionalidades e sensibilidades outras, que o filtro do passado coloca em suspenso e dificulta a apreensão (PESAVENTO, 1999, p. 72).

A técnica do teatro-imagem, criada por Augusto Boal,<sup>2</sup> é utilizada como uma maneira de promover o desencaideamento das lembranças. Esta técnica desdobra-se em múltiplas possibilidades, relacionando “os problemas individuais, singulares, com os problemas coletivos vividos pelo grupo” (1996, p. 87) Utilizando-se deste recurso, Boal recolheu inúmeras imagens de família pelo mundo afora.

Este tema – família – ganha importância nos estudos de memória visto que

transmitir uma história, sobretudo a familiar, é transmitir uma mensagem referida, ao mesmo tempo, à individualidade da memória afetiva de cada família e à memória da

sociedade mais ampla (BARROS, 1989, p. 33).

É justamente das representações de famílias reveladas pelo teatro-imagem em uma das oficinas que vamos tratar aqui. Não pretendemos fazer um balanço dos estudos de família no Brasil, mas procuramos compreender as imagens de famílias reveladas nos gestos, na fala, no reembaralhar dos fatos cotidianos, pinçados no tempo e reorganizados no espaço cênico. O teatro-imagem é um caminho para trazer à tona as representações de famílias, impregnadas pela convivência entre o "arcaico e o moderno" (FIGUEIRA, 1987) presentes na chamada "nova família brasileira".

## **Modos de envelhecer – escolhas e gênero**

Nesta *trupe* de velhas senhoras, o tema *família* surgiu como uma das primeiras sugestões do coletivo. O grupo não tinha a proposta de ser feminino, mas como a grande maioria dos grupos de terceira idade no Brasil, a participação feminina é majoritária,<sup>3</sup> ou, como no nosso caso, única. E esta já se torna uma questão de gênero. Poderíamos, por isso, arriscar algumas reflexões sobre a ausência masculina nestes programas.

Os homens costumam olhar para a velhice de maneira mais sombria. Estudiosos da gerontologia apontam vários aspectos relativos a esta observação.<sup>4</sup> Afirmam que a aposentadoria, para eles, significa a passagem do mundo do trabalho para o mundo familiar, perdendo referenciais de identidade e amizade relacionadas à esfera pública. Até recentemente, no modelo de família patriarcal, os idosos tinham prestígio no grupo familiar. Geralmente, mantinham sua au-

toridade. Hoje, não só com as transformações sociais que influenciaram na constituição de novos modelos de famílias, mas também com as dificuldades econômicas e a ineficiência e cortes nos programas sociais, muitos se sentem um peso para seus parentes próximos. Este, entre outros fatores, os levaria a um certo isolamento. No entanto, um número expressivo de homens procura associações de aposentados ou similares, tentando manter uma relação com o mundo público.<sup>5</sup>

Em relação às mulheres, por um lado, alguns autores apontam situações de perdas, como a desvalorização por ficar privada de seu papel reprodutivo, além das transformações físicas e da viuvez. Por outro, os mais otimistas afirmam que

a velhice feminina seria mais suave do que a masculina, na medida em que a mulher, que hoje é idosa, não experimenta uma ruptura em relação ao trabalho tão violenta quanto a dos homens na aposentadoria. (DEBERT, 1994, p. 33).

Ao se aposentarem, as mulheres assumem a velhice de maneira mais positiva, quase que na forma de uma busca do tempo perdido.

Há também a questão dos vínculos afetivos com os filhos, geralmente mais estreitos, predispondo-as a cuidar na velhice com mais entusiasmo do que cuidam dos pais. Considerando também, que a mulher está mais habituada às mudanças em seu organismo, por causa da gravidez, da amamentação, da menstruação, ela enfrenta melhor as transformações ocorridas na velhice (DEBERT, 1994, p. 35). Muitas encontram oportunidade de realizar sonhos antigos, descobrem sua capacidade de aprender e criar, agarrando, com firmeza a auto-

nomia e a liberdade conquistadas nesta etapa da vida.

Seria possível dizer que o envelhecimento não é uma experiência homogênea. As representações e os modos de viver a velhice, descritos na literatura recente, constituem uma experiência diversa para homens e mulheres, considerando, ainda, contextos de classes e etnias (DEBERT, 1994).

## Imagens de famílias

Deste modo, qualquer abordagem sobre gênero ou envelhecimento, seria parcial se não fosse situada numa perspectiva sociológica dos agentes sociais. Pretendo, assim, construir esta análise, sobre a representação de família, as relações de gênero aí contidas e o envelhecimento, explicitadas pela linguagem teatral, situando a discussão no contexto de minhas pesquisas. Partimos de representações de família do passado, do presente e da família ideal, elaboradas nas experiências de teatro-imagem com este grupo. São, aproximadamente, 20 mulheres idosas, entre 60 e 80 anos, moradoras de Niterói e adjacências, pertencentes à camada média da população.

Sucintamente, poderíamos caracterizar os procedimentos desta técnica da seguinte maneira: é solicitado que as pessoas formem um conjunto de estátuas com seus próprios corpos e os das companheiras, que mostrem, visualmente, o pensamento do grupo sobre um tema. Ou seja, criem imagens que revelem a representação social de cada um e, posteriormente, do conjunto, sobre o tema dado. Inicialmente, parte-se de imagens individuais, há o desfile destas imagens (concepções individuais), a construção da

imagem das imagens (concepção coletiva) e a dinamização desta última (voz e movimento).

Então, pedimos que criassem **imagens da família no passado**, da família que elas vivenciaram na juventude. Imagens fixas, sem fala ou movimento. Foram mostradas situações cotidianas, onde o homem (pai) ocupava o lugar central do palco, com uma postura de autoridade e controle sobre os demais. Ao seu redor, filhos recebiam reprimendas, a mulher (mãe) de cabeça baixa (em todas as imagens), a tia tentava defender os sobrinhos e a sogra buscava apaziguar a situação. Com pequenas variações, o desfile de imagens que assistimos transmitia esta mensagem. Sem muita dificuldade, o grupo montou a sua imagem das imagens.

Recorrendo aos estudos sobre famílias no Brasil e levando-se em conta a diversidade na organização destas famílias, existe, até uma determinada época, um modelo hegemônico que povoa o imaginário de boa parte da sociedade brasileira: hierarquia rígida, autoridade do homem sobre a mulher e filhos, divisão sexual do trabalho, maior proximidade entre mãe e filhos, sexualidade feminina controlada e dupla moral sexual (ROMANELLI, 1997, p. 75).

Este modelo hierárquico, vivido por estas mulheres nas décadas de 40 e 50, atualmente visto como tradicional, é relativamente organizado, porém sua estrutura é carregada de conflitos reais e potenciais. As diferenças entre os sexos se cristalizavam

em sinais visíveis como o tipo de roupa, linguagem, comportamento e mesmo sentimento considerado próprio para cada sexo" (FIGUEIRA, 1987, p. 15).

Neste tipo de família, a identidade era posicional, estava relacionada com a posição, sexo e idade; noções de “certo” e “errado” estavam muito presentes e havia “vários mecanismos sutis dentro e fora dos sujeitos para tentar suprimir ou controlar as várias formas de desvio de comportamento, pensamento ou desejo” (FIGUEIRA, 1987, p. 16). Cabe ressaltar que estamos falando do plano ideal e que, no cotidiano, muitas destas regras não eram cumpridas. No entanto, enquanto um padrão para a época, era perseguido pela grande maioria.

Com críticas severas ao modelo de família vivenciado e retratado por elas, apontaram, no entanto, alguns aspectos que asseguravam uma certa tranquilidade, tais como a definição predeterminada dos papéis e a união familiar.

Quando pedimos imagens de famílias atuais, deparamos com uma família desarticulada, cada um fazendo algo independente do outro (ouvindo música, lendo, assistindo TV), a mãe chegando ou saindo para trabalhar e o pai ausente (em todas as imagens).

Sabemos que, a partir da década de 60, a rapidez das mudanças na sociedade instituindo novos padrões de comportamento, afetou de maneira decisiva as relações familiares e a própria noção de família. A crescente participação das mulheres na força de trabalho, incluindo-as na esfera pública, trouxe uma transformação nas representações sobre gênero. O homem vai, aos poucos, perdendo seu papel de provedor financeiro da família. Sua autoridade de chefe, até então considerada como natural, na esfera das representações, amparada pelas religiões e pelo aparato

jurídico (até pouquíssimo tempo), vai desaparecendo (ROMANELLI, 1997).

Se para as famílias de trabalhadores urbanos ou rurais as restrições materiais têm importância fundamental nos arranjos familiares, nas camadas médias urbanas, aliada a este fator, está a insatisfação com o modelo hegemônico, alargando o número de opções individuais e estilos de vida.<sup>6</sup> Apesar do modelo nuclear conjugal ser predominante entre as famílias das camadas médias,

*ao mesmo tempo, aumentam as experiências de vínculos afetivo-sexuais variados e com moradias separadas, o contingente de mulheres optando pela maternidade fora da união formalizada e mesmo a opção pelo celibato entre homens e mulheres* (GOLDANI, 1993, p. 75).

Aliada aos fatores sociais e políticos, que permearam o processo de modernização da família, está a ideologia do igualitarismo:

homem e mulher se percebem como diferentes pessoal e idiossincraticamente, mas como iguais porque indivíduos (FIGUEIRA, 1987, p. 16);

diferenças pessoais estão acima das sexuais, etárias e posicionais. A fronteira entre o “certo” e o “errado” torna-se tênue, assim como dilui-se a noção de desvio de comportamento e desejos. Estes princípios também encontram-se no plano do novo ideal igualitário. Porém, o processo é complexo e as “famílias modernizadas” enfrentam ainda, no seu cotidiano, hesitações e ambigüidades (FIGUEIRA, 1987, p.16-17).

Nestas imagens da família atual, a falta da figura masculina como chefe e provedor, associa-se também a um ambiente disperso, constituído de interesses

individuais, além da mulher assumir o papel exclusivo de provedora, sem conseguir manter o elo familiar. Este detalhe pode-nos mostrar uma dificuldade na aceitação de novas formas de vivenciar a família, provocando a criação de imagens caricatas e ambíguas.

Outros aspectos são também revelados: a incorporação do discurso da crise da família, que “ao que tudo indica, está em crise há pelo menos cem anos e nem por isso desapareceu” (BILAC, 1997, p. 34) e a absorção, em parte, do modelo típico de família “classe média urbana”, difundido em larga escala pela mídia (novelas, propagandas), com relevância no individualismo, privacidade e diversificadas relações afetivas entre os membros, originando novos padrões de socialidade (GOLDANI, 1993, p. 70).

Sobre a imagem da família ideal, o grupo apresentou a seguinte cena: a avó sentada, atrás dela a filha, o genro, a neta e a empregada. No canto do palco, prontos para entrar em cena, a outra filha com o marido e outra neta.

Quando perguntadas sobre esta imagem de família, explicaram que esta era a família ideal porque há respeito pelos mais velhos (a avó é a única que aparece sentada, como se gozasse de privilégios) e os membros visitam-se entre si, mantendo a união da família extensa.

Podemos notar que quando se trata da construção de um modelo ideal, da família que elas sonham, surge uma representação nostálgica da família do passado, em que o casal com filhos e o grupo de parentesco se complementam (GOLDANI, 1993, p. 70), sendo que, na imagem criada há uma incorporação fundamental das transformações nas rela-

ções de gênero: o homem e a mulher ocupam a cena de maneira igualitária, os dois de cabeça erguida.

Percebe-se que a família nuclear ganha importância não apenas por ser o arranjo doméstico de maior presença nas estatísticas, mas pela significação simbólica que carrega, transformando-se em modelo hegemônico, “em referencial e em ideal de ordenação da vida doméstica para a grande maioria da população” (ROMANELLI, 1997, p. 74).

No entanto, o desejo de uma convivência familiar harmoniosa será, quase sempre, interceptado pela colisão entre interesses individuais e coletivos, gerando focos de atrito. A necessidade de conciliar estes dois projetos

permeia toda a vida doméstica, não estando diretamente referida a condições materiais de pobreza, embora essas possam ampliar as áreas de conflito (ROMANELLI, 1997, p. 76).

Outro aspecto a ser considerado é que “na família a expressão de aspirações, sentimentos e emoções é mais livre do que no domínio público” (ROMANELLI, 1997, p. 76), imprimindo à cena doméstica uma forte carga de tensões.

## **Dramaturgia em paleta**

O grupo construiu um pequeno texto dramático sobre suas próprias experiências e sobre o tempo atual. As falas<sup>7</sup> revelaram momentos de submissão e insatisfação no universo do casamento que viveram. A exigência demasiada, o ciúme desarrazoado apareceram entre outras queixas:

“Eu fazia o melhor que podia e ele sempre achava um jeito de reclamar. Era da comida que estava salgada ou sem sal, da camisa mal passada, da casa, de tudo” (Valéria, 60 anos).

“Ele era tão ciumento que eu só podia ir a praia de vestido, todos entravam no mar e eu ficava sofrendo com o calor, debaixo da barraca, olhando a diversão dos outros e morrendo de vergonha. Ele não admitia que alguém pudesse olhar as minhas pernas” (Lúcia, 74 anos).

A terceira idade aparece como a melhor época de suas vidas, o período em que puderam voltar-se para si mesmas e construir um projeto de vida de acordo com seus desejos. Como mostra a poesia de uma das senhoras do grupo:

*(...) Já foi o tempo em que ela não falava / só vivia. / Agüentava, chorava, rezava e se escondia / e no seu corpo e na sua alma / ficava a marca da dor e da agonia. / Hoje, aprendeu a misturar dor e alegria. / Quebrou as amarras! / Aprendeu a ter sonhos e fantasias (...)* (Astrida, 65 anos)

Perguntadas sobre a ausência masculina nos grupos de terceira idade, dizem que os homens ficam em casa, no bar, na praça:

“Minha mãe sempre dizia, homem é bicho do sereno, gosta de ficar na rua” (Sílvia, 75 anos).

“Eles acham que nós ficamos aqui só jogando conversa fora. Não sabem o que estão perdendo” (Arinda, 65 anos).

Dizem que eles não têm coragem de se expor. Só aprenderam a se arriscar na esfera do trabalho, entre seus iguais:

“Você acha que eles vão ter coragem de vir aqui, subir no palco e falar da própria vida na nossa frente?” (Geralda, 78 anos).

Provavelmente sofrem por não conseguirem mostrar o seu avesso. Aprenderam, muitas vezes à força, a controlar suas emoções, a escamotear seus medos, a disfarçar os seus fracassos, a serem fortes:

“O problema é que eles foram educados para serem machões” (Geralda, 78 anos).

As imagens construídas nos levam a pensar nas lembranças do passado impregnadas pela experiência atual. É um repensar sobre o ontem com o olhar de hoje (HALBWACHS, 1990). Lembrar

não é reviver, mas re-dizer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora, é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição (BOSI, 1994, p. 20).

Como membros de um grupo, suas lembranças são as que o grupo conseguiu selecionar. Lembranças que foram reforçando o sentido de identidade e confirmando o sentimento de pertencimento<sup>8</sup> ao grupo, quando reconheceram no discurso da outra, fatos de suas próprias vidas. Um mundo feminino mergulhado em cerceamentos sutis ou nem tanto:

“Sem estudo e experiência profissional, tive que me virar para continuar criando meus filhos. Ele se foi e ponto final. Parece tão simples para eles, quer ir vai e pronto” (Elza, 70 anos).

“Nada que eu fazia prestava, ele dizia que era tudo bobagem. Demorei muito para recuperar a minha auto-estima depois” (Arinda, 65 anos).

Estas mulheres vivem um período de transição, de múltiplas e rápidas transformações na estrutura familiar: condições de reprodução da população, padrões de relacionamento entre os membros; questionamento dos modelos de autoridade; posição da mulher e mesmo a redefinição do conceito de família pela legislação brasileira (GOLDANI, 1993, p. 72). Situam-se nesta encruzilhada: a família vivida (a do passado), aparentemente, fora da esfera dos conflitos, com papéis predeterminados:

“Antigamente, cada um sabia da sua responsabilidade, sabia o que era sua obrigação fazer” (*Olga, 70 anos*).

Mas também a imposta, não-escolhida, gerando insatisfações e frustrações, como uma camisa-de-força:

“Minha mãe sofreu muito, todos nós tínhamos medo do meu pai. Por qualquer motivo a gente levava uma surra” (*Lúcia, 74 anos*).

“Quando casei, não sabia nada sobre sexo. Casei com o homem que meus pais achavam que seria o melhor para mim” (*Marilda, 60 anos*).

E as novas formas de viver em família, que provocam, em algumas delas, o surgimento de estereótipos e outros imobilismos:

“Hoje o tabu é ser virgem. Acho que a mulher deve saber o seu lugar” (*Emília, 77 anos*).

As conquistas femininas, que se referem ao campo do trabalho, os métodos contraceptivos, a liberdade sexual e os novos padrões de convívio familiar foram comentados com entusiasmo pelo grupo:

“Depois que fiquei viúva, conheci muita gente e tive vários namorados” (*Lúcia, 74 anos*).

“Meu filho ajuda muito nos trabalhos da casa, cuida dos filhos. Hoje, ser mulher é muito melhor” (*Carla, 74 anos*).

Porém, acatar as implicações e responsabilidades que estas mudanças trazem, ainda é um impasse. Como manter a união e a autoridade? Como vivenciar a família como uma *obra aberta*?

“Hoje, ninguém mais tem paciência. Por qualquer coisa estão separando” (*Emília, 77 anos*).

“Às vezes, fico achando que este pessoal não sabe mesmo o que quer” (*Denise, 71 anos*).

O volume e a velocidade das transformações acarretou a convivência com ideais antigos e novos. O desaparecimento do “arcaico” é, muitas vezes, apenas aparente: “o ‘arcaico’ continua presente, de modo invisível, mais ou menos inconsciente, mas certamente eficaz na sua oposição estrutural ao ‘moderno’, que é o mais recente e é o núcleo daquilo que desejaríamos ser” (FIGUEIRA, 1987, p. 22).

Se no passado vivia-se a angústia da impossibilidade da escolha, a atual falta de predeterminação de papéis, incerteza do futuro, ainda incomoda essas mulheres.

A experiência com o teatro-imagem permitiu discutir a variedade de concepções de família com o grupo, o entendimento das diferenças de escolhas e o próprio embaraço causado pelo exercício da escolha. Talvez, o *problema de nossa época seja*, como já afirmou Cynthia Sarti,

(...) o de compatibilizar a individualidade e a reciprocidade familiares. As pessoas querem

aprender, ao mesmo tempo, a serem sós e a 'serem juntas' (1995 p. 43).

*Abstract: This article aims to analyse a particular moment in an elderly women theater group. Starting from their memories' re-enaction, we used Augusto Boal's "teatro-imagem" technique to understand these women's subjectivity. In this process family images are created thus revealing important traces of their personal experiences.*

*Keywords: memory, elderness, theatre*

## Notas

<sup>1</sup> Projeto de Extensão da UFF, "Oficina de Teatro e Memória"

<sup>2</sup> Augusto Boal, diretor, dramaturgo e criador do teatro do oprimido. Seu desejo é transformar a performance tradicional em um diálogo entre os que representam e os que assistem. Suas pesquisas estão baseadas na crença de que o diálogo é essencial à vida, é a dinâmica saudável entre todos os homens.

<sup>3</sup> Pesquisa realizada na UnATI, publicada em 1997, revela que o público feminino atinge 83,8% dos frequentadores (SANT'ANA, 1997:80). No UFFESPA, o último levantamento aponta para 87,7% de mulheres usuárias (PONTES, 1999, mimeo). De maneira geral, a população masculina nestes programas, no Brasil, dificilmente ultrapassa os 10% (DEBERT, 1994, p. 35).

<sup>4</sup> BEAUVOIR (1990) DEBERT (1994) NOVAES (1995).

<sup>5</sup> Sobre este assunto, ver Debert (1994). Em seu artigo, ela procura mostrar que a mobilização dos homens idosos está associada à luta pelos direitos do cidadão, e às mulheres idosas caberia o engajamento

pelas mudanças sociais. Para tanto, analisa práticas desenvolvidas em programas voltados para a terceira idade e associações de aposentados.

<sup>6</sup> "A família tradicional, composta pelo casal com filhos, caiu de quase 60%, em 1992, para 55%, em 1999, ao mesmo tempo em que aumentou a proporção de outros tipos de composição familiar: de mulheres sem cônjuge e com filhos (de 15,1% para 17,1%) e de casal sem filhos (de 12,9% para 13,6%). Cresce também o número de pessoas vivendo só, representando 8,6% em todo o País" (IBGE, 2000).

<sup>7</sup> Falas ocorridas durante as oficinas e gravadas com o objetivo de elaborar o texto dramático. Agradeço a colaboração das estagiárias do DSSN, durante estes dois anos, pelo auxílio dos registros: Maria Paula, Rebeca, Mara, Márcia, Amanda, Iolanda e Solange. Os nomes das mulheres foram trocados para preservar suas identidades. O único que se manteve foi o da autora da poesia.

<sup>8</sup> É o afetivo que indica o pertencimento (Halbwachs, 1990).

## Referências

ARIES, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.



- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro v.2 n.3, 1989.
- \_\_\_\_\_. Testemunho de vida: um estudo antropológico da mulher na velhice. In: *Perspectivas Antropológicas da Mulher 2*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- \_\_\_\_\_. (Org.). Velhice ou Terceira Idade? *Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. *Obras Escolhidas*. v.1, São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BILAC, Elisabete Dória. Família: algumas inquietações. *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Cortez, 1997.
- BOAL, Augusto. *O arco-íris do desejo*. Método Boal de teatro e terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- COURTNEY, Richard. *Jogo, teatro e pensamento*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- DEBERT, Guita Grin. Gênero e envelhecimento. *Estudos feministas*. CIEC/ECO/UFRJ, v.2, n.º 3. Ed. Lena Lavinias, 1994.
- \_\_\_\_\_. & SIMÕES, Júlio Assis. A aposentadoria e a invenção da "terceira idade". *Textos Didáticos*, IFCH / UNICAMO, 1 (13): 31-48, mar. 1994.
- FIGUEIRA, Sérvilo. Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1987.
- GOLDANI, Ana Maria. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturção. *Cadernos Pagú* n.º 1. Campinas: IFCH/ UNICAMP, 1993.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Síntese de Indicadores Sociais*. Censo de 2000. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. *Invenção social da velhice*. Rio de Janeiro: Papagaio, 1985.
- NOVAES, Maria Helena. *Psicologia da Terceira Idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias*. Rio de Janeiro: Grypho, 1995.
- PERROT, Michele & FRAISSE, Genevière. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. v. 9 n.º 18 ag. 89/set 89.
- POLLACK, Michail (1992) Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10.
- PONTES, Janaina. Perfil Institucional do UFFESPA, 1999, mimeo.
- ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/ Cortez, 1997.
- ROUBINE, Jean-Jacques. A linguagem da encenação teatral. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- SANT'ANNA, Maria J. G. UnATI, a velhice que se aprende na escola: um perfil de seus usuários. *Terceira Idade. Desafios para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UnATI, 1997.

## GÊNERO

SARTI, Cyntia A. Família e individualidade: um problema moderno. *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 1997.

VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade. *Cadernos Pagu*. n.3, 1994.